NEM TUDO SÃO FLORES NO SEMI-ÁRIDO BRASILEIRO: Um Estudo do Projeto Flores da Bahia.

Cynthia Mattosinho

Mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é professora titular e coordenadora do curso de Administração da Faculdade Sete de Setembro.

Cristiane Maria Xavier de Carvalho

Graduando em Administração – Faculdade Sete de Setembro - FASETE

Ana Carolina Emereciano Coelho

Graduando em Administração – Faculdade Sete de Setembro - FASETE

Juliana Sá

Graduando em Administração – Faculdade Sete de Setembro - FASETE

Jeruza Santos Galdino

Graduando em Administração – Faculdade Sete de Setembro - FASETE

Priscila de Carvalho Lopes

Graduando em Administração – Faculdade Sete de Setembro - FASETE

RESUMO

O presente artigo tem como principal objetivo analisar o Agronegócio de Flores e Plantas Ornamentais no município de Paulo Afonso/BA, tomando como base o Projeto Flores da Bahia, programa que integra os projetos comunitários de combate às desigualdades sociais e econômicas, desenvolvidos pelo Governo do Estado, em parceria com a Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária (SEAGRI) e a Secretaria de Combate à Pobreza e às Desigualdades Sociais (SECOMP). A metodologia utilizada para desenvolver este artigo foi à pesquisa do tipo exploratória, bibliográfica e qualitativa, através de entrevistas com os associados rurais. Também foram realizadas visitas *in locus*, o que proporcionou uma maior compreensão do tema em questão. A análise dos dados revelou a forma como, atualmente, é trabalhado o projeto no município e as causas pelas quais ainda não foi conseguido o alcance do desenvolvimento esperado.

Palavras-chaves: Agronegócio, flores, associativismo rural.

ABSTRACT

The paper has as main objective to analyze the Agribusiness of Flowers and Ornamental Plants in Paulo Afonso/ BA, based on the “Flores da Bahia” Project, a program that integrates community projects to combat social and economic inequalities, developed by the State Government in partnership with the Department of Agriculture, Irrigation and Agrarian Reform (SEAGRI) and the Department for Combating Poverty and Social Inequality (Secomp). The methodology used to develop this article was an exploratory research, literature and qualitatively, through interviews with the rural members. Also were seen *in locus*, which provided a greater understanding of the topic. Data analysis revealed how it is currently working with this project in the municipality and the causes for which has not yet been able to reach the expected development.

Key Words: Agribusiness, flowers, rural associations.

INTRODUÇÃO

A profissionalização e o comércio, voltados para a floricultura no Brasil são fenômenos, relativamente, recentes, entretanto, essa atividade já contabiliza números extremamente significativos. São mais de 4 mil produtores, cultivando uma área de cerca de 6 mil hectares anualmente, em 304 municípios brasileiros e em 12 pólos de produção. (IBRAFLOR, 2009)

O agronegócio de flores tem se transformado em um grande nicho para produtores rurais, paisagistas, decoradores, arquitetos, designers florais, fabricantes de insumos, transportadoras, comerciantes, artesões e vem ganhando notoriedade nacional e internacional. (JUNQUEIRA e PEETZ, 2009)

Embora, no Brasil, a produção esteja ainda concentrada no Estado de São Paulo, principalmente, nas regiões dos municípios de Atibaia e Holambra, a floricultura brasileira vem se desenvolvendo e se descentralizando por várias regiões de todo o país. Atualmente, é perceptível o crescimento de importantes pólos no Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás, Distrito Federal e na maioria dos estados do Norte e do Nordeste. (IBRAFLOR, 2009)

Estima-se que a Bahia é responsável pela produção de cerca de 300 mil dúzias de flores tropicais e subtropicais por ano, movimentando, no mercado atacadista, mais de R\$ 3 milhões/ano, além de plantas ornamentais e folhagens produzidas em aproximadamente 50 municípios baianos. No entanto, o volume comercializado na Bahia ultrapassa a casa dos R\$ 15 milhões/ano no atacado, que equivale dizer que deste montante, a participação de produtos baianos gira em torno de 20%. (SCHERER, 2006)

A produção de flores e plantas ornamentais se desenvolve em diversas regiões da Bahia e está baseada na predominância de pequenos e médios produtores, sendo grande a diversidade de espécies cultivadas, tanto de clima tropical, como subtropical.

Tendo em vista o mercado promissor e as condições de clima e solo favoráveis, o Governo do estado, em parceria com a Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária (SEAGRI) e a Secretaria de Combate à Pobreza e às Desigualdades Sociais (SECOMP), despertou para a criação de Projetos Comunitários, como o Projeto Flores da Bahia, desenvolvido com o objetivo de promover a atividade como forma de apoiar as regiões, com maior potencial produtivo, melhorando

a qualidade de vida de famílias carentes, estimulando a expansão da floricultura no estado, elevando o padrão de qualidade e seu nível tecnológico, o que gera novas oportunidades de emprego, renda e divisas para a Bahia. (SCHERER, 2006)

Assim, este artigo tem como objetivo central fomentar um estudo sobre o Projeto Flores da Bahia no município de Paulo Afonso/BA, investigando o seu desenvolvimento, sustentabilidade e continuidade sob a ótica do agronegócio. Vem como forma de elucidar e corroborar com a consolidação do projeto na região, revelando a importância do associativismo para a sobrevivência de comunidades rurais.

1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Segundo Lakatos e Marconi (2001), método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando decisões.

Para a realização desse trabalho, foram realizadas pesquisas do tipo exploratória, utilizando como instrumentos de levantamento de informações, o estudo de caso e a observação, o que corroborou para a compreensão do assunto e auxiliou a construção das ideias; pesquisa bibliográfica, tendo como base referenciais teóricos publicados sobre o tema; e pesquisa qualitativa, que pôde ser efetivada, por meio de entrevista com cinco associados, de um universo de dezesseis, tomando como parâmetro de escolha o pioneirismo e a efetividade da atuação na associação.

Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se um roteiro de entrevista, que constava de oito blocos de perguntas, relacionados a: sistema e insumos de produção, sistemas de informação gerenciais comercialização, concorrência, relações com órgãos governamentais, meio ambiente e mão de obra. Após a coleta, foram realizadas análises dos dados com base na metodologia de análise de conteúdo, que foi de fundamental importância para o alcance dos objetivos descritos anteriormente.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. O MERCADO CONSUMIDOR DE FLORES

O agronegócio de flores e plantas ornamentais vem se expandindo no país, um dos aspectos que contribui para a expansão são as condições climáticas do Brasil que favorecem o cultivo de flores de clima temperado e tropical. Em função dessa diversidade climática, é possível produzir internamente flores, folhagens e outros derivados, todos os dias do ano a um custo reduzido. (FRANÇA e MAIA, 2008)

A capacidade de geração de ocupação e renda da floricultura é muito grande, emprega, aproximadamente, 120 mil pessoas, sendo 80% da mão-de-obra formada por mulheres, além de 18,7% ser de origem familiar. Entre as culturas agrícolas, a floricultura destaca-se por empregar, em média, de 10 a 15 funcionários por hectare, superando em dez vezes os demais cultivos (VENCATO *et. al.*, 2006).

As perspectivas para a floricultura são muito positivas. O mercado interno tem um potencial de crescimento muito grande, considerando que ainda é muito baixo o consumo *per capita* em torno de US\$ 4,7 por habitante ao ano. Analistas de mercado entendem que o potencial de consumo brasileiro é equivalente a, no mínimo, o dobro do atual. Mesmo com este crescimento estará muito distante de nações como Suíça e Noruega, que possuem um consumo de US\$ 170 e US\$ 143 *per capita* ano, ou os Estados Unidos e Argentina, com US\$ 36 e US\$ 25, respectivamente (VENCATO *et. al.*, 2006).

Outro fator que inibe o consumo é a pouca expressividade de grandes plataformas para distribuição de produtos da floricultura. O número reduzido de floriculturas distribuídas no país é outro limitador, sem considerar que as floriculturas existentes não organizam de forma adequada o seu espaço, a fim de melhor apresentar o seu produto (BUAINAIN e BATALHA, 2007).

A logística é outro gargalo que precisa ser superado. Os produtos da floricultura precisam de transporte adequado para manter o padrão de qualidade. As flores de clima temperado necessitam de câmaras frias para o seu transporte e armazenamento e as flores tropicais precisam de temperatura controlada. A utilização de transporte refrigerado para produtos da floricultura é pouco expressivo no país, o que predomina é o transporte em temperatura ambiente, o que provoca maior depreciação do produto e maiores perdas (BUAINAIN e BATALHA, 2007).

A adoção de tecnologia de ponta precisa ser implementada no processo produtivo pelos floricultores, a fim de melhorar a qualidade do produto, as mesmas apesar de disponível são utilizadas por uma minoria, a maioria dos produtores utilizam ainda na produção tecnologias rudimentares (BUAINAIN e BATALHA, 2007).

O agronegócio de flores precisa melhorar cada vez mais o processo de capacitação e profissionalização dos diversos segmentos da cadeia produtiva, a fim de aumentar a competitividade da floricultura nacional. Além da necessidade de se investir em estratégias que possam influenciar a demanda por tais produtos, que, embora esteja dentro do contexto cultural, é um reflexo do investimento feito na cadeia.

2.2. O MERCADO DE FLORES NO ESTADO DA BAHIA

Considera-se que o principal mercado para floricultura brasileira é o interno. A região Sudeste é o principal centro consumidor, tendo a maior concentração no estado de São Paulo. O Nordeste vem registrando um expressivo crescimento e a região Norte do Brasil é possivelmente a que tem maior potencial de expansão da floricultura (BUAINAIN e BATALHA, 2007).

A atividade floriculturista na Bahia não está distante da realidade encontrada nos centros produtivos do resto do país, sendo caracterizada como um agronegócio promissor. É prioridade em importantes órgãos de apoio e desenvolvimento do setor. (SCHERER, 2006)

Na Bahia, a floricultura comercial ainda é recente. O estado possui 70 produtores. As flores tropicais são cultivadas no litoral de Salvador, enquanto as flores de clima temperado são produzidas no município de Maracás. (FRANÇA e MAIA, 2008)

A floricultura baiana vem se destacando, desde 2001, como importante alternativa de trabalho e renda para as mais diversas classes da população, tornando-se o mais novo setor econômico e produtivo na agricultura baiana. A cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais passa por um processo de consolidação e produtores, fornecedores de insumos, atacadistas e consumidores vivenciam o desenvolvimento do setor de maneira rápida e progressiva, alavancando o mercado interno e caracterizando-se como importante diferencial estratégico e mercadológico para o Estado. (SCHERER 2006)

A história da floricultura no estado está intimamente ligada ao papel do poder público como agente indutor. Essa história pode ser dividida em dois momentos: o primeiro, em 1996, é caracterizado por ações de capacitação tecnológica e pela implantação de políticas públicas de financiamento e isenção de impostos e o segundo, em 2003, quando as ações se voltaram mais para a inclusão da população em situação de risco social (especialmente jovens), tendo um caráter social mais intenso, focando suas ações na associação desse tipo de negócio a projetos comunitários. (FRANÇA e MAIA, 2008)

2.3. PROJETO FLORES DA BAHIA

Um dos aspectos que influenciaram o crescimento da floricultura no estado da Bahia foi o investimento no Programa Flores da Bahia, que tem contribuído, de forma significativa, para a expansão de áreas de produção, nas diferentes e favoráveis condições de clima, altitude e solo que o Estado oferece (SCHERER 2006).

Criar uma base produtiva para o desenvolvimento e para a sustentabilidade da atividade floricultura foi um desafio para o Programa Flores da Bahia, por se tratar de um segmento relativamente novo, em que a tecnologia encontrava-se, ainda, distante da realidade praticada no mercado nacional, o material genético utilizado estava ultrapassado e a especialização de técnicos era incipiente. Numa iniciativa das Secretarias da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária - SEAGRI e de Combate à Pobreza, foram realizados investimentos que possibilitaram a viabilização do Projeto. (SCHERER, 2006)

Com o objetivo de aumentar a área de cultivo, introduzindo material genético de alto padrão de qualidade, melhorar a qualidade de vida de famílias, carentes e aumentar o nível tecnológico da floricultura nos solos baianos, foram selecionados pela SEAGRI, para fazerem parte dos chamados Projetos Comunitários do Programa Flores da Bahia, os municípios- pólos de Barra do Choça, Bonito, Cruz das Almas, Ibicoara, Maracás, Miguel Calmon, Mucugê, Paulo Afonso e Vitória da Conquista. (SCHERER, 2006)

Os municípios contemplados firmaram convênios com as secretarias, através das prefeituras, que participaram financeiramente com 30% do valor total do projeto, além da disponibilização de área de terra própria com infra-estrutura básica, como água, energia e acesso fácil, facilitando a criação de uma forte alternativa de trabalho, renda e divisas para as suas comunidades.

As metas programadas para os nove projetos comunitários consistiram em alcançar 40 hectares cultivados com flores, folhagens e plantas ornamentais tropicais e subtropicais, instalar 65 mil m² de estufas agrícolas, seis câmaras frias, nove sistemas de irrigação, adquirir nove caminhões baú isotérmicos refrigerados e inserir 500 jovens carentes no promissor mercado de trabalho. (SCHERER 2006)

O monitoramento técnico é feito por engenheiros agrônomos e técnicos agrícolas cedidos por cada prefeitura municipal, com regime de tempo integral e o apoio pontual de técnicos locais da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola – EBDA, além de consultores em capacitação tecnológica nas áreas de fitopatologia, nutrição mineral, comercialização e marketing, contratados através de parceria com o SEBRAE/BA.

Atualmente, a gestão dos Projetos está diretamente relacionada ao sucesso do empreendimento, pois a demanda do mercado local e regional ainda não é consolidada e os jovens produtores precisam ter uma visão muito bem definida da oferta de produtos em determinadas épocas do ano. Para tanto, faz-se necessário um apoio muito grande por parte dos envolvidos em cada projeto. (SCHERER, 2006)

Nos municípios de Maracás, Barra do Choça, Mucugê e Vitória da Conquista está sendo aplicada a metodologia GEOR (Gestão Estratégica Orientada para Resultados) acompanhada pelo SEBRAE, que demonstra resultados positivos entre os produtores. Para atender as exigências do mercado, os Projetos Comunitários tiveram que compor um “mix” de produtos bem variado, resultando em um número expressivo de espécies e variedades de flores e folhagens, tanto para corte como para vasos, atingindo um leque de opções para consumidores, atacadistas e decoradores.

Os empreendimentos associativos de pequenos produtores rurais, independentemente de sua origem (iniciativa própria, reforma agrária, programas especiais e etc.), à semelhança de qualquer empresa, estão obrigados pelo mercado, para subsistir e tentar sucesso, a questionar seus recursos de maneira eficiente, procurando ser rentáveis para se manter e resolver.

2.4. O ASSOCIATIVISMO E SUA IMPORTÂNCIA NO ÂMBITO RURAL

O associativismo exerce grande poder na sociedade, principalmente no que diz respeito à luta em conjunto por interesses sociais. Através das práticas do associativismo, pessoas que possuem

objetivos e interesses em comum reúnem-se para facilitar o alcance de benefícios, o que de maneira individual seria mais complexo. “O associativismo é um sistema que se baseia no trabalho e não no lucro; na ajuda mútua e não na concorrência e competição; nos valores e necessidades humanas e não na exploração de nossos semelhantes.” (TURRA e SANTOS, 2002, p.9)

O papel desempenhado pelas associações, inclusive nas associações rurais, é de extrema importância, já que, elas acabam servindo de instrumento para o alcance de objetivos mútuos. Mas, particularizando as associações de pequenos produtores rurais, verifica-se que, para os trabalhadores elas podem significar um acesso maior a bens e serviços, entretanto, para as grandes empresas, essas associações podem significar uma ameaça, devido, a introdução de novos intermediários políticos no meio rural ou mesmo pelas suas bandeiras de luta e meios de mobilização. (COSTA e RIBEIRO, 1999)

Por isso, tem sido dispensada tanta importância às associações, visto sua capacidade de captar demandas sociais de diferentes segmentos e em diversas situações. Pois, de acordo com o engajamento desses mediadores sociais, que seriam os “associados”, tem-se possibilidades ou não, de haver um encaminhamento das reivindicações, com uma possibilidade de fortalecer suas ações.

As associações de pequenos produtores e trabalhadores rurais, assim como os conselhos municipais de desenvolvimento rural, mostram-se como novas formas de agregação social que convivem com outras categorias, tais como: os grupos de interesse e os sindicatos com uma função de socialização e se constituindo, como novos canais de participação e de representação. Predomina o entendimento de que se trata de organizações voluntárias, embora induzidas pelo estado, surgindo, portanto, da vontade e da decisão de um grupo ou de um segmento de classe, com objetivos pré-definidos e relacionados às necessidades sociais numa dada realidade. (COSTA e RIBEIRO, 1999)

O associativismo rural serve como um instrumento de luta para os pequenos produtores, podendo proporcionar a permanência na terra, elevação do nível de renda e a participação como cidadãos. Uma associação não é somente uma organização de pessoas com objetivos comuns, mas sim uma organização mais complexa com objetivos também de caráter social, desempenhando importantes e complexas funções por meio de estatutos e regimentos. (RICCIARDI e LEMOS apud PEDROSO, 2006)

A união dos pequenos produtores em associações torna possível a aquisição de insumos, máquinas e equipamentos com menores preços e melhores prazos de pagamento, reúne esforços em torno de benefícios comuns como o compartilhamento dos custos da assistência técnica, tecnologias e capacitação profissional. Assim, a atuação por meio das associações permite aos produtores participantes tornar mínimas dificuldades no meio rural, que são iguais ou semelhantes a todos, e propiciando assim um melhor desempenho para competir no mercado. (MAPA apud KUNZLER, 2009)

Através do associativismo também são geradas algumas perspectivas, como: a redução das desigualdades políticas e sociais, uma maior facilidade de crédito, qualificação empresarial, etc. (KERSTENETZKY, 2002) É imprescindível ressaltar, o quanto o associativismo ganhou força, principalmente no âmbito rural, pois acabou se tornando uma alternativa econômica para que essas pessoas que não possuíam chance pudessem participar do processo de desenvolvimento social.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1. ANÁLISE DA ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE FLORES TROPICAIS E PLANTAS ORNAMENTAIS.

3.1.1. Características Gerais e Concorrência

O projeto Flores surgiu em janeiro de 2004, através da prática associativista, a partir de uma iniciativa do Governo do Estado da Bahia, da Prefeitura Municipal de Paulo Afonso, do SEBRAE e da Haste Floral, situada no povoado Baixa do Boi, município de Paulo Afonso/BA, com o objetivo de fomentar ocupação e renda para os jovens do semi-árido baiano, região de baixa densidade econômica. Os fundadores foram 162 jovens carentes da zona rural do município, porém, atualmente, existem apenas 16 (dezesseis) associados e apenas 4 (quatro) não fazem parte da fundação, todos com ensino médio fundamental completo.

Sua formação administrativa é composta por presidente, tesoureiro e secretária. O projeto caminha com a participação e o trabalho de todos os associados que desempenham tarefas semelhantes, é feito um revezamento entre equipes, cada semana uma equipe fica responsável pelos cuidados com as flores.

A concorrência levantada pelos entrevistados fica a cargo de alguns revendedores de plantas ornamentais da cidade, porém não comparados a eles na questão de preços, já que a maioria compra os produtos do projeto para revenda, no entanto, a falta de divulgação e apoio são os maiores problemas encontrados.

3.1.2. Insumos de Produção

Os insumos necessários para iniciar o projeto foram fornecidos pelo Governo do Estado da Bahia, antes mesmo que o projeto iniciasse e foi feita de maneira aleatória, em grandes quantidades, para que pudesse atender, prontamente, ao projeto que tinha um objetivo de grande expansão. Embora todos os procedimentos levassem a crer que o projeto teria muito sucesso, não foi exatamente o que ocorreu e hoje ainda possuem uma grande quantidade de insumos e materiais como vasos, sacos, mangueiras, telados, enxadas, pás, picaretas, carroças, mudas, adubo químico (ureia, fósforo), obsoletos.

Os insumos são armazenados em uma sala que funciona como depósito e mantém os materiais conservados, pois muitos são sensíveis e não podem sofrer alterações climáticas, expostos ao sol e a chuva para não danificá-los. Mesmo tendo cuidados com a armazenagem, grande quantidade de material sofre danos no uso diário, com o agravante de que a associação não tem um acompanhamento sobre os materiais fornecidos, pois a mesma não tem acesso a essas informações, o que impossibilita um controle desses insumos para o lançamento dos dados para gestão de estoque.

3.1.3. Sistema de Produção

O projeto produz, em média, 2.000 flores por mês, podendo variar significativamente essa quantidade nas datas comemorativas tais como: dia internacional da mulher, dia das mães, dia dos namorados e festas de final de ano, como também, quando há pedidos para eventos.

As flores não possuem um período determinado de produção, podem ser produzidas, durante o ano inteiro por serem flores tropicais e favorecidas pelo clima da região, possuem uma grande resistência. Seus arranjos quando bem armazenados podem ter uma durabilidade de até 15 (quinze) dias. A seleção das flores é feita de maneira criteriosa, existe uma padronização, sendo escolhidas apenas as espécies aprovadas pelo controle de qualidade, todo o processo de produção é feito

manualmente, a maior dificuldade encontrada pelos associados na produção das flores são os fatores não controláveis como a seca e enchentes e fatores biológicos como pragas e doenças, mesmo existindo cuidado criterioso com o solo, irrigação e sombreamento.

Os produtos transportados saem diretamente do povoado Baixa do Boi, para os centros de distribuição, onde através de encomendas podem ser transformados em arranjos. Esse transporte é realizado por carro baú, de propriedade do projeto, e mantido pela prefeitura municipal, que é a fornecedora do combustível, manutenção e motorista. A armazenagem desses insumos durante esse período é realizada no próprio carro que possui sistema refrigerado. Sem essa refrigeração os produtos têm vida útil de 8 a 15 dias, dependendo das condições climáticas. Todos os insumos perdidos, ou seja, não utilizados, são reaproveitados como adubos, já que se trata de matéria orgânica.

No tocante a produção de arranjos florais, ocorre, na grande maioria, através de encomendas, salvo datas festivas, é produzido maior número de arranjos. Houve pouco treinamento referente a esse processo, porém os próprios associados foram criando meios e técnicas para facilitar o trabalho, não deixando de ter sempre uma atenção especial visando à qualidade dos produtos.

3.1.4. Comercialização

As flores são colhidas diretamente para a comercialização, pois o projeto não instrumentos adequados para o armazenamento correto dos produtos, visto a possibilidade de danificar a matéria. As espécies que tem maior comercialização são: o Lírio da Paz, Palmeira Areca Bambu, Heliconia Alan Carle, Heliconia Golden Torch, Alpinia Vermelha. A distribuição das flores é feita pelo próprio caminhão refrigerado do projeto, que fica encarregado de entregar a mercadoria nos pontos de vendas, uma vez que o projeto possui *stands* próprios, localizados no centro da cidade e no Centro de Abastecimento de Paulo Afonso (CEASA), que também fazem a comercialização diretamente ao consumidor final.

No que se refere ao preço dos produtos, o projeto possui uma tabela que demonstra os valores fixos de repasse para os distribuidores e clientes finais que adquiram o produto diretamente na fonte. Os valores para a revenda são estipulados pelos próprios associados, tendo como base valores trabalhados por outros projetos. O período de maior comercialização são os meses de novembro e dezembro, onde devido aos festejos de confraternização e formaturas, os produtos são bastante

procurados. A única comercialização fora do município era o envio desses produtos para um consumidor em Salvador, porém esse contato não está sendo mais realizado.

3.1.5. Sistema de Informação

A associação dispõe de pouca tecnologia de informação, possuem apenas um micro computador em que são armazenadas, nos programas Excel e Word, as informações necessárias como o controle de caixa. Os associados receberam capacitação apenas no início do projeto e depois nenhum outro foi realizado, o uso da internet é feito apenas para colher algumas informações de modelos de arranjo.

Foi identificada a necessidade de implantação de um sistema de informação gerencial para que possa auxiliá-los de maneira produtiva no controle do projeto abrangendo todos os aspectos relacionados ao processo de produção, armazenagem, transporte e distribuição. Para coleta e controle dos dados da associação, são utilizadas apenas planilhas manuais, que posteriormente são trabalhadas no programa Excel.

3.1.6. Mão- de- Obra

O projeto funciona hoje com 16 (dezesesseis) associados que recebem mensalmente uma bolsa mensal no valor de R\$ 300,00 (trezentos reais) para cada associado, repassada pela prefeitura do município. A escolaridade média dos associados é 2º grau completo e a expectativa de crescimento é pequena, pois, não existe motivação nem assistência por parte do município. A seleção dos colaboradores foi feita através de inscrição e entrevistas, foram selecionados alguns dos entrevistados que participariam então dos treinamentos, muitos deles não conseguiram ficar, porque a seleção também tinha a parte prática (trabalho no campo), exigia habilidades dos participantes. Existem apenas três funcionários terceirizados, que são o caseiro, o motorista e o técnico agrícola, mantidos pela prefeitura.

3.1.7. Meio Ambiente

Não é necessária licença ambiental para a execução da atividade, sendo apenas cedido o espaço físico para o projeto, pela prefeitura. Tendo uma área protegida, utilizada como reserva. Todo o produto não aproveitado é utilizado como adubo. Não é realizada nenhuma atividade educativa interna, nem em localidades vizinhas. São utilizados produtos tóxicos apenas quando é extremamente necessário, no caso de aparecimento de pragas que possam prejudicar a produção.

3.1.8. Relação com Órgãos de Assistência e Estado

Existe uma relação amigável com alguns órgãos do governo, como é o caso da EBDA – Empresa Brasileira de Desenvolvimento Agrícola. Porém possuem pouca participação sobre a atividade exercida. A atividade tem isenção total de ICMS por intermédio do Decreto 7.725, de 28/12/1999 e possui financiamento através de bancos oficiais.

Não existe atualmente uma relação fixada com órgãos do estado, existindo apenas isenção fiscal para a atividade. O apoio recebido se dá unicamente através da Prefeitura Municipal, responsável pelo repasse das bolsas (remuneração), manutenção de um Técnico Agrícola no local da produção, e pagamento de algumas outras despesas, não tendo, no momento, nenhum órgão que preste assistência direta ao Projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o agronegócio de flores uma atividade em expansão, sendo conhecido como algo de fácil retorno financeiro e grande potencial de sustentabilidade, buscou-se identificar os reais motivos que levam o projeto Flores da Bahia no município de Paulo Afonso a não ter a visibilidade esperada.

Após análise dos dados obtidos, fica clara a falta de informações suficientes dos próprios associados sobre o apoio e desenvolvimento do projeto, Vê-se também que a maior parte das atividades é realizada de forma empírica, não tendo treinamento suficiente para expansão do projeto.

A forma como o projeto está sendo trabalhado no município tem deixado muito a desejar, no que diz respeito à logística dos produtos, pois, apesar da área de produção ser extensa e não apresentar grandes dificuldades no seu processo, não há um direcionamento para a área de distribuição dos produtos.

Tendo uma visão mais voltada para a sustentabilidade do projeto, alguns fatores são apontados como possíveis causas dos gargalos encontrados, como: 1) A duração dos mandatos públicos e suas relações com os projetos; 2) A não estabilidade de alguns funcionários que estão diretamente ligados aos projetos, que são desligados do quadro funcional com a mudança dos gestores; e 3) Interesses políticos pessoais e partidários que, e em alguns casos, vetam a continuidade dos projetos criados em sua gestão para outras gestões.

A implantação do projeto se deu no ano de 2004, representando para 162 jovens, ocupação e renda, envolvendo-os na organização social do município e no desenvolvimento sustentável, porém até hoje a idéia de sustentabilidade ainda está distante. Assim, a atividade de floricultura no município de Paulo Afonso/BA, não segue a mesma realidade encontrada nos centros produtivos do resto do país, onde se caracteriza como um agronegócio promissor.

Como todo e qualquer empreendimento, o projeto Flores da Bahia, necessita da implantação de uma gestão que faça dos seus pequenos produtores pessoas capazes de identificar as necessidades existentes no dia a dia e que possam transformar suas dificuldades em oportunidades, sendo necessária uma forma mais estruturada de gestão.

REFERÊNCIAS

BATALHA, M. O.; BUAINAIN, A. M. **Cadeias produtivas de flores e mel**. Brasília: IICA: MAPA/SPA, 2007.

COSTA, Anita Aline Albuquerque; RIBEIRO, Tereza Cristina Almeida. O associativismo no meio rural brasileiro: contradições e perspectivas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 37., 1999, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu, 1999.

FRANÇA, C. A.M.; MAIA, M. B. R. Panorama do Agronegócio de Flores e Plantas Ornamentais no Brasil. In.: Congresso da Sociedade de Economia, Administração e Sociologia Rural, 46., 2008. Rio Branco, AC, **Anais...**Rio Branco, AC, 2008.

GÓMEZ, J. Enrique Tinoco. **Programa Flores da Bahia: Curso para Capacitação de Multiplicadores**. Salvador, 2003.

IBRAFLOR. Instituto Brasileiro de Floricultura. **Projeto Flores da Bahia**. Disponível em: <www.ibraflor.org>. Acesso em: 14 jun. 2009.

JUNQUEIRA, A. H.; PEETZ, M. da S. **Exportações recordes de flores e plantas ornamentais do Brasil atingiram US\$ 23,5 milhões em 2004: Análise conjuntural das exportações de flores e plantas ornamentais do Brasil: janeiro e dezembro de 2004**. São Paulo: Hórtica Consultoria e Treinamento, 2005.

KERSTENETZKY, Célia Lessa. Sobre associativismo, desigualdades e democracia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 18 n. 53. p.131-180, 2003.

KUNZLER, Marli Teresinha. **As estratégias competitivas e colaborativas e os resultados individuais e coletivos no associativismo rural em Quatro Pontes – PR**. 2009. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

MEIRELLES, A. J. A. **Desenvolvimento de Mudanças de Palmeira-ráfia Cultivada sob Diferentes Sombreamentos e Nutrição Foliar**. 2006. Dissertação (Mestrado em Fitotecnia) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG.

PEDROSO, Ízula Luiza Pires Bacci. **Produção familiar e associativismo:** modos de vida e reprodução socioeconômica da comunidade rural de Taquaruçu Grande – Palmas TO. Disponível em: <http://www.ig.ufu.br/posgrad/disserta/2006/izula_pires.html>. Acesso em: 18 Set. 2009.

SEAGRI. Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária. **Floricultura na Bahia.** Disponível em: <www.seagri.ba.gov.br>. Acesso em: 08 jun. 2009.

SCHERER, A. M. S. Flores da Bahia. **Revista Bahia Agríc.** v.7, n.3, nov. 2006.

TURRA, Fabianne Ratzke; SANTOS, Flávio Eduardo de Gouvêa. **Associativismo:** organização social para o Turismo. Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.uov.com.br/biblioteca_arquivos/Curso48-13.pdf>. Acesso em: Mar. 2010.

VENCATO, Ângela. et. al. **Anuário brasileiro das flores 2006.** Santa Cruz do Sul: Gazeta Santa Cruz, 2006.